Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores Municipais de Canoas - RS

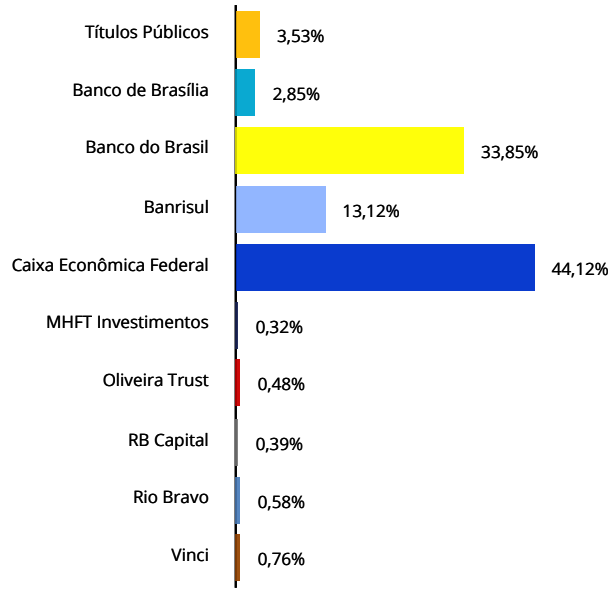
Relatório da Carteira de Investimentos

MAIO

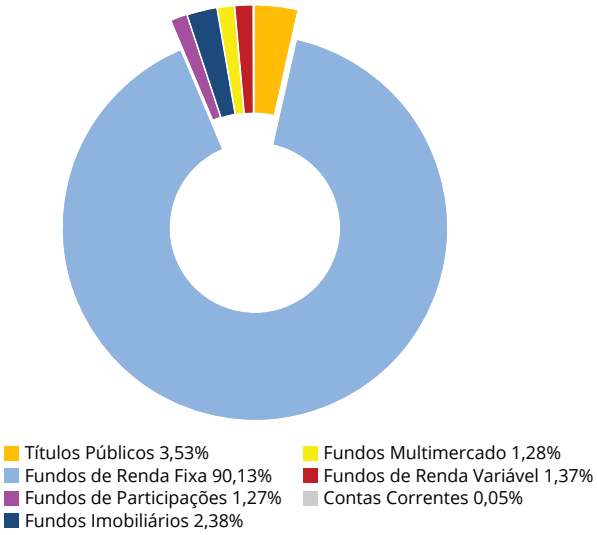
Os recursos do CANOASPREV são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência.

A diretoria do Instituto, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos. Neste mês a carteira de investimentos está distribuida da seguinte forma:

Distribuição da Carteira por Instituição Financeira



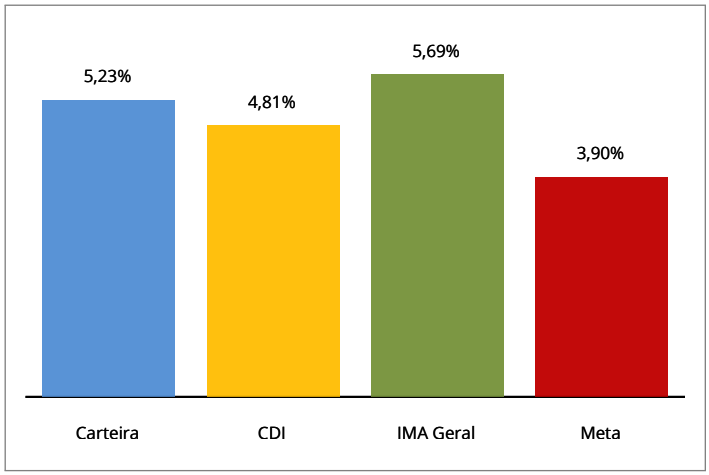
Distribuição da Carteira por Segmento



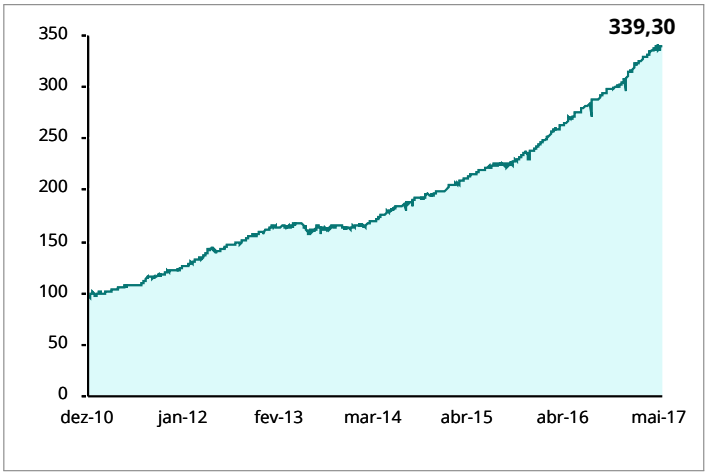
HISTÓRICO DE RENTABILIDADE

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 252 DIAS ÚTEIS
CANOASPREV	**0,45%**	**5,23%**	**13,28%**
CDI	0,93%	4,81%	13,26%
IMA Geral	0,01%	5,69%	15,36%
Meta Atuarial - IPCA + 6 %	0,80%	3,90%	9,79%

Carteira x Indicadores em 2017



Evolução do Patrimônio (em R$ Milhões)



Análise de Desempenho: A carteira do CANOASPREV tem como principal objetivo superar a Meta Atuarial.

SMI Consultoria de Investimentos
Fone: 48 3037 1001
www.smiconsult.com.br

Análise Macroeconômica

Na economia americana, maio foi um mês de divulgação de dados mistos sobre o crescimento da economia, além de ter acontecido uma reunião do FOMC ("Copom americano"). Nesta reunião, a taxa básica de juros foi mantida estável no intervalo de 0,75% a 1,00%, como já era esperado por todo o mercado. Tanto o comunicado, quanto a ata da decisão tiveram a mensagem de que os dados mais fracos do primeiro trimestre do ano foram transitórios e que a economia americana deveria retomar o ritmo de crescimento, com a inflação se mantendo em torno da meta de 2% a.a. No campo político, Donald Trump conseguiu aprovar seu programa de saúde.

Na Europa, os indicadores de atividade mostraram tendência de aceleração do crescimento. No Reino Unido, no início de junho haverá as eleições gerais para a formação da sua Câmara. As pesquisas eleitorais indicam 70% de probabilidade de o Partido Conservador, de May, receber a maior quantidade de assentos no parlamento, mas a vantagem do Conservador em relação ao Trabalhista, principal partido de oposição, vem se estreitando.

Na China, os resultados de atividade econômica divulgados ao longo do mês, referentes a abril, ficaram abaixo do esperado e se desaceleraram. Na comparação anual, os investimentos cresceram 8,9% e a produção industrial cresceu 6,5%, enquanto as estimativas eram de 9,1% e 7,1%, respectivamente.

No Brasil, a delação da JBS virou o cenário econômico de cabeça para baixo e inseriu diversas incertezas. O fundamento para a retomada do crescimento baseava-se na redução dos riscos da economia, que derivaria do processo de consolidação fiscal (formado pela já aprovada PEC do teto de gastos e pela pendente Reforma da Previdência). A crise política implicou uma pausa na aprovação da Reforma da Previdência, uma vez que sequer se sabe quem será o presidente brasileiro nos próximos meses.

Em nossa opinião, o desgaste político enfrentado pelo presidente Michel Temer deve ser suficientemente forte para que ele deixe a Presidência. Ainda é difícil saber se Temer deixará o cargo por meio de uma cassação da chapa (feita pelo Tribunal Superior Eleitoral), por um processo de impeachment, por um afastamento da Presidência ao se tornar réu em uma investigação, ou, por fim, renunciando. De todo modo, nos parece mais provável que ele deixe o Planalto do que permaneça no comando do país. Neste caso, teremos um processo de eleição indireta em até 30 dias após a queda de Temer.

O sucessor do presidente deve ser um nome disposto a tocar a Reforma da Previdência e com apoio suficiente no Congresso para isso. Os nomes mais prováveis para assumir a Presidência são o presidente da Câmara Rodrigo Maia (DEM-RJ), o ministro da Fazenda Henrique Meirelles (PSD-GO) e o ex-ministro dos governos FHC, Lula e Dilma e ex-ministro do Supremo Nelson Jobim (PMDB-RS). Estes nomes tendem a agradar o mercado financeiro e a trazer um bom nível de tranquilidade, deixando claro que o país não "saiu dos trilhos". No entanto, se o sucessor de Temer for alguém contrário à Reforma, ou sem força política suficiente para tanto, o cenário para a economia brasileira será de intensa e rápida piora.

Embora acreditemos que Temer deva sair, temos dificuldade em definir quanto tempo levará para isso ocorrer. Assim, também fica difícil saber quanto tempo decorrerá até que a famigerada Reforma seja aprovada. Esse ambiente de incerteza tende a reduzir o ritmo de crescimento da economia. Por causa disso, reduzimos a projeção de crescimento do Produto Interno Bruto deste ano para 0,3% e de 2018 para 3%. Acreditamos agora que a meta de inflação de 2018 será mantida em 4,5%, com o Conselho Monetário Nacional definindo uma meta menor para 2019, em 4,25%. O cenário de mais incerteza foi muito frisado no comunicado da decisão mais recente do Comitê de Política Monetária. No último dia de maio, o Copom reduziu a Selic de 11,25% para 10,25% e deixou claro que, exatamente devido à incerteza do cenário político, o Copom deve começar a reduzir a Selic em 75 bps. Dessa forma, esperamos que a Selic seja reduzida a 9,5% na próxima reunião. Mantemos o cenário de que todo o ciclo de corte dos juros leve a taxa básica 8,25%, mas temos dúvida quanto à velocidade deste ciclo e, especialmente, quanto à possibilidade de o Comitê optar por uma pausa no ciclo, enquanto a consolidação fiscal não terminar.

Renda Fixa

Maio foi claramente dividido em dois períodos: Pré e Pós Joesley. Enquanto a primeira quinzena do mês foi marcada pela renovação do otimismo do mercado com as reformas trabalhista e da previdência, a segunda metade do mês foi de notável caos e incerteza. A incapacidade do mercado de prever o destino do atual governo e, por consequência, o futuro das necessárias reformas causou um comportamento extremamente errático em todos os ativos, situação que deve se estender pelo próximo mês.

As curvas de juros refletiram essa elevação de tensão e encerraram o mês 80 bps acima dos níveis de abril após um pico de 225 bps de alta no dia 19/05. Ainda que a sensação de total deterioração do cenário econômico local pareça ter sido um exagero, há a clara percepção de que mesmo as projeções mais otimistas vislumbram um cenário notavelmente pior para a economia local do que previsto anteriormente.

Renda Variável

Evidentemente, o evento a ser citado, já devidamente apresentado neste relatório, a delação da J&F envolvendo de forma grave o presidente Michel Temer inclusive podendo comprometer as reformas fiscais, provocaram nos mercados de ações, futuros e seus derivativos, um choque.

Sob a ótica da renda variável a possibilidade de não haver nenhum ou um insignificante ajuste fiscal, promoveu um sell off nas bolsas com o Ibovespa cedendo 8,38% no dia 18, dia "D" do mês. Além disso a possibilidade de que a taxa Selic não caia o que estava sendo precificado pelo mercado, assusta o investidor que vê o custo de capital das empresas não amenizar o quanto se esperava. De certa forma para as bolsas o que suavizou foi que até a véspera do "choque", o mês estava bom com o Ibovespa subindo em torno de 5% até o dia 17. A partir do dia 18 tivemos um aumento abrupto da volatilidade das ações, aumento do volume financeiro (players domésticos na venda e players estrangeiros na compra), muitas incertezas em alguns setores, como varejo e comércio de alimentos, e criação de oportunidades em outros (exportadoras), mas que, ao fim do mês, o Ibovespa cedeu "apenas" 4% em função da boa primeira quinzena.

Contudo, entendemos que enquanto se acreditar que mesmo com a queda de Michel Temer as principais reformas de equilíbrio fiscal estiverem como prioridades dentro da confusa agenda política, as projeções econômicas irão convergir positivamente e o país poderá apresentar a médio prazo, PIB positivo e crescente e, consequentemente, dias melhores para os mercados de maior risco.